



3964 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE LÍNGUA INGLESA

Rakell Ainy Freitas Luz - UFMA - Universidade Federal do Maranhão
Cláudia Cristina Cólins Pereira - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

O artigo trata do processo de construção da identidade docente nas línguas portuguesa e inglesa, objetivando reflexões via aportes teóricos alusivos ao ensino de línguas, à identidade docente e às contribuições da Linguística Aplicada. Realizamos uma pesquisa bibliográfica. Nas fontes consultadas, há considerações acerca do uso da linguagem, ao ensino de línguas e à construção da identidade docente.

Palavras-chave: Identidade profissional. Línguas portuguesa e inglesa. Docente.

1 INTRODUÇÃO

Por sua própria natureza, o homem necessita compreender a sua condição de pertencimento no mundo que o cerca, bem como os papéis que precisa desempenhar como partícipe dessa realidade, de modo a se sentir envolvido nas muitas escolhas que precisa fazer ao longo de sua trajetória. No que concerne ao âmbito profissional, Papi (2005, p.51) ressalta que "A identidade profissional é uma construção que perpassa a vida profissional". Isso significa que o professor precisa se identificar com o que ensina e com o modo como exerce a sua prática pedagógica.

Considerando que o professor traz em si diversos saberes adquiridos antes e durante a sua formação acadêmica inicial e continuada, sabemos que esses saberes docentes são mediados por seu trabalho de sala de aula, e que é por meio desse trabalho que eles se manifestam. Sendo assim, Tardif (2002, p.13), ao tratar sobre o saber docente pelo seu caráter social, diz que um professor

[...] nunca define sozinho seu saber profissional, já que, no âmbito da organização do trabalho escolar, o que um professor sabe depende também daquilo que ele não sabe, daquilo que ele supõe que ele não saiba, daquilo que os outros sabem em seu lugar e em seu nome, dos saberes que os outros lhe opõem ou lhe atribuem. Em resumo: "nos ofícios e profissões não existe conhecimento sem reconhecimento social".

Nesse contexto, esse estudo, que foi pautado em uma pesquisa bibliográfica, nos conduz a questionar em que medida o professor se identifica com o que ensina? Além disso, o modo como exerce a sua prática pedagógica reflete o seu Eu-professor a partir de suas crenças, de seus saberes e de sua formação?

Portanto, abordamos alguns aspectos relevantes para a tessitura das várias identidades implícitas e explícitas em seu fazer pedagógico na sala de aula, particularizando os professores das línguas portuguesa e inglesa.

2 METODOLOGIA

Para a realização e o andamento das pesquisas, utilizamos a leitura de artigos, documentos e a literatura que dialoga sobre a temática abordada. Para isso, foram empregadas as técnicas de pesquisa bibliográfica, cujo objetivo é construir toda a tessitura textual que aborde, de modo claro, o assunto em discussão a fim de que possa haver a reflexão acerca de todo o processo de construção da identidade do professor e das práticas pedagógicas para o ensino de línguas no Brasil, particularmente as línguas portuguesa e inglesa.

Assim, foram utilizados como fonte de pesquisa os aportes teóricos de Almeida Filho (1991), Faraco e Castro (1999), Leffa (2016), Lopes (2006), Papi (2005), Sousa (2012), Tardif (2002), Tardif (2014), e por documentos legais, dentre eles, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997). Estes contribuíram no sentido de propiciar a análise e a reflexão acerca das mudanças que se fazem necessárias ao ensino de línguas no Brasil no que concerne ao aspecto interacional, à capacidade de pensar e à construção do saber, além da importância da Linguística Aplicada (LA) nesse processo de ensino de línguas, singularmente as línguas portuguesa e inglesa. Sendo todos eles componentes também importantes para a construção da identidade profissional docente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da bibliografia consultada, constatamos que os autores traçam reflexões acerca do papel da escola em promover a formação de alunos-leitores e a necessidade de um ensino voltado para a eficiência da comunicação e expressão do aluno em ambas as línguas abordadas. Além disso, pudemos perceber nos escritos consultados, várias investigações e críticas que versam sobre os problemas de uso da linguagem, o processo de construção da identidade do professor e o modo como as línguas em questão estão sendo ensinadas em sala de aula, à luz também da LA. (LOPES, 2006).

Constatamos que, no Brasil, ao longo do tempo, a Língua Portuguesa (LP) tem sido ensinada nas escolas a partir do tradicionalismo que é próprio dos aspectos normativos da língua, ou seja, o ensino da gramática normativa tem sido desenvolvido por meio de regras gramaticais, conceitos, frases soltas, desvinculadas de um contexto. Por esse motivo, o modo como a língua materna ainda é ensinada, na maioria das escolas brasileiras, sofre críticas de especialistas e estudiosos, visto que a língua é um organismo vivo, dinâmico e, por meio dela, é que se dá o ato comunicativo. (SOUSA, 2012).

Todavia, o que é preciso refletir nessa questão do ensino de língua não é o que se deve ensinar, mas como se deve ensinar. Por muito tempo, o ensino de Língua Portuguesa na sala de aula imputou não só ao aluno como também ao professor o pesado fardo de reproduzir um conhecimento elaborado, fundamentado numa concepção formalista que em nada favorece a construção de indivíduos competentes linguisticamente, muito menos que se interessassem pelas maçantes e cansativas aulas de gramática. (FARACO; CASTRO, 1999).

Essa reflexão nos conduziu a pensar não somente na extensa sequência de conteúdos exigidos, mas em como esses conteúdos devem ser apresentados ao aluno. Questionamos, assim, a formação do professor de língua, sua identidade e os saberes que fundamentam e norteiam sua prática.

Outrossim, é preciso refletir sobre o papel da escola como formadora de alunos-leitores do mesmo modo que, nessa perspectiva, analisamos o importante papel do professor nessa questão, sua formação, sua prática, seus saberes, ou seja, professor-leitor forma aluno-leitor ou ainda se o professor não possui essa prática, poderá desenvolver em seus alunos o prazer pelo ato de ler? São inquietações que se fazem pertinentes não só para esse estudo, mas, principalmente, para futuras pesquisas.

Já o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, particularmente de Língua Inglesa, vem também sofrendo transformações e adaptações, ao longo do tempo, no que concerne à sua estrutura linguística, às abordagens de ensino, às leis e diretrizes governamentais, assim como em sua matriz curricular, com vistas a suprir as demandas e anseios de uma sociedade, cada vez mais conectada, bem como propiciar o ensino e a aprendizagem dos estudantes em um outro idioma.

A legislação, apenas ela, não terá condições de modificar as dificuldades ainda enfrentadas por todos os atores de um sistema educacional, assim como não vai garantir um ensino de qualidade. Nesses termos, apoiamos-nos em Leffa (2016, p. 90) quando ele ressalta que,

O problema maior da LDB pode ser a falta de condições para que ela seja efetivamente implementada, o que nos coloca na estranha situação de não estarmos à altura da lei que temos. Isso a princípio pode ser preocupante, mas talvez seja mais um aspecto positivo: na pior das hipóteses temos que evoluir, temos que melhorar para que possamos cumprir a lei. O que se deve fazer, portanto, não é tentar mudar a lei, mas criar condições, com urgência, para que ela possa ser cumprida.

Nesses termos, além do domínio linguístico, por parte do docente e de todas as variáveis presentes no processo ensino e aprendizagem em uma sala de aula é premente a necessidade de transpormos os registros dos documentos oficiais acerca do ensino de línguas estrangeiras modernas, como os dos PCN, visto que, na prática, esse tipo de ensino de línguas não tem melhor espaço no sistema nacional de ensino, particularmente na matriz curricular. Desse modo, pudemos analisar que desenvolver a competência comunicativa do aluno é também possibilitar a ele o domínio da leitura e da escrita, considerando que tais fatores favorecem a inserção do indivíduo na sociedade.

É importante ressaltar que a LA era estudada como uma subárea da Linguística e entendida como aquela que se preocupava apenas em investigar os problemas relacionados com o ensino de língua estrangeira e com as traduções. Todavia, com a evolução dos estudos linguísticos, ela passou a ter um caráter autônomo de modo a ser entendida como a que se preocupa em investigar todos os campos da atividade humana em que a linguagem exerce um papel de importância. (LOPES, 2006).

Portanto, pudemos constatar que, quando a LA tem como objeto de investigação a linguagem como prática social, contribui assim na discussão dessa temática, visto que ela é interdisciplinar ocupando-se de analisar as práticas pedagógicas. (ALMEIDA FILHO, 1991). Nessa perspectiva, a LA tem se voltado também a explicar os fenômenos relacionados ao ensino e aprendizagem de língua e as práticas de sala de aula que possam facilitar esse processo, de modo a tornar o ensino de língua mais dinâmico e relacionado à realidade do aluno.

Considerando Lopes (2006, p.20-21) ao abordar sobre a pesquisa de natureza aplicada em Ciências Sociais cita que:

A LA é uma ciência social, já que seu foco é em problemas de uso da linguagem enfrentados pelos participantes do discurso no contexto social, isto é, usuários da linguagem (leitores, escritores, falantes, ouvintes) dentro do meio de ensino/aprendizagem e fora dele (...)

Nesse contexto, é que a LA enquanto ciência aplicada passa a assumir um papel muito mais amplo, não mais restrito e dominado pelas teorias linguísticas, ou seja, ela passa a ser compreendida como interdisciplinar e como um campo do saber que se preocupa em analisar as práticas pedagógicas e a discutir sobre o ensino e aprendizagem.

Assim, na esteira das reflexões propiciadas pela LA e de sua relevância para o ensino de LP e de outros idiomas, entre os quais ressaltamos a Língua Inglesa, compreendemos que, além das pesquisas empreendidas, essa ciência aplicada também busca refletir acerca da importância da formação docente para a construção do conhecimento e para as mudanças que precisam acontecer no ensino de língua nas escolas. Destacamos ainda que a situação da educação no Brasil tem sido alvo de debates não só sobre as condições de ensino como também da formação profissional docente.

Diante disso, a identidade do professor vai se construindo ao longo de sua prática de modo que, no que concerne ao ensino de LP e, sendo esta carregada de pragmatismos e preceitos que norteiam as práticas de ensino, constatamos que não só a língua imprime ao professor, como sujeito de sua prática, esse ranço de formalismo como também faz com que o docente carregue em sua identidade as marcas de sua própria atividade, conforme ressalta Tardif (2014, p. 56-57) quando afirma que:

Se uma pessoa ensina durante trinta anos, ela não faz simplesmente alguma coisa, ela faz também alguma coisa de si mesma: sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional. Em suma, com o passar do tempo, ela vai se tornando – aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros – um professor com sua cultura, seu ethos, suas funções, seus interesses, etc.

Portanto, a identidade profissional docente se constrói a partir de sua experiência, das crenças e dos saberes oriundos de sua prática, associados ao saber da disciplina e dos saberes provenientes de sua formação. Em outras palavras, verificamos, assim, que há uma estreita relação entre a formação, os saberes e a experiência na construção da identidade do professor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões apresentadas, pretendemos conduzir o leitor a uma reflexão acerca dos elementos que se fazem cruciais para a construção da identidade do professor de línguas, particularizando as línguas portuguesa e inglesa, e de como a prática pedagógica

docente influencia na constituição de sua identidade.

Assim, nas pesquisas realizadas, constatamos que a LA contribuiu nas reflexões acerca da realidade do ensino e aprendizagem de línguas em sala de aula, reiterando a relevância desses estudos linguísticos para o desenvolvimento do ensino e para as mudanças que se fazem necessárias na educação do Brasil.

Além disso, buscamos reiterar também que o seu Eu- professor, isto é, a sua identidade profissional é fruto de um conjunto dinâmico de diferentes identidades alimentadas por etapas, que vão desde a sua formação até os espaços institucionais e sociais em que o docente desenvolve sua profissão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Maneiras de compreender a linguística aplicada. In: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria. nº 2, dez/1991. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/11407/6882>> Acesso em: 01 jul. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

FARACO; Carlos Alberto; CASTRO, Gilberto de. Por uma teoria linguística que fundamente o ensino de língua materna (ou de como apenas um pouquinho de gramática nem sempre é bom). **Educar em Revista**. v. 15, n. 15, 1999. Disponível em: <http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_15/faraco_castro.pdf> Acesso em: 01 jul. 2018.

LEFFA, Vilson J. **Língua estrangeira**; ensino e aprendizagem. Pelotas: EDUCAT, 2016. 324p.

LOPES, Luiz Paulo da M. (organizador). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar** / Branca Fabrício et al; São Paulo: Parábola editorial, 2006.

PAPI, Silmara de Oliveira Gomes. **Professores**: formação e profissionalização. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2005.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 16 ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2014.

SOUSA, Wélia Leão de. A LINGUÍSTICA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: o ensino-aprendizagem da Língua Materna no espaço da sala de aula 1. **Revista Eventos Pedagógicos**, v.3, n.1, Número Especial, p. 599 – 610, Abr. 2012. Disponível em <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/604/411>.> Acesso em : 21jul. 2018.